

“Tudo em família com a Paz do Senhor”: certa vez, no Estádio Salazar

“All in Family with the Peace of the Lord” –
Once in the Stadium Salazar

Elcio Loureiro Cornelsen

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte/Brasil
Doutor em Germanística, Freie Universität Berlin
emcor@uol.com.br

RESUMO: Nossa contribuição visa a refletir sobre a relação entre futebol e política a partir da análise de três crônicas esportivas publicadas no *Jornal dos Sports*, em 01 de julho de 1968, no contexto da partida amistosa envolvendo a seleção brasileira e a seleção portuguesa, que celebrou a inauguração do Estádio Salazar, em Lourenço Marques (atual Maputo), então capital de Moçambique sob o domínio colonial ultramarino. Nosso corpus de análise é formado pelas seguintes crônicas: “Tudo em família com a Paz do Senhor”, de Zé de São Januário; “O melhor futebol do mundo”, de Nelson Rodrigues; “Uma forra gostosa”, de Jocelyn Brasil. A polifonia produzida por essas crônicas revela que o futebol, para além do campo esportivo, nem sempre está alheio ao contexto político.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol e política; Brasil x Portugal; Colonialismo; Salazarismo; Ditadura militar.

ABSTRACT: Our contribution aims to reflect on the relationship between football and politics from the analysis of three sports chronicles published in the *Jornal dos Sports* on July 1, 1968, in the context of the friendly match involving the Brazilian National Team and the Portuguese National Team, which celebrated the inauguration of the Salazar Stadium in Lourenço Marques (now Maputo), the capital of Mozambique under the overseas colonial rule. Our corpus of analysis is formed by the following chronicles: “All in family with the Peace of the Lord”, by Zé de São Januário; “The best football in the world”, by Nelson Rodrigues; “A sweet revenge”, by Jocelyn Brasil. The polyphony produced by these chronicles reveals that football, beyond the sports field, is not always oblivious to the political context.

KEYWORDS: Football and Politics; Brazil vs. Portugal; Colonialism; Salazarism; Military Dictatorship.

INTRODUÇÃO

Nos anos 1960, Brasil e Portugal protagonizaram algumas disputas memoráveis. A mais famosa delas culminou com a derrota da seleção canarinho para o forte escrete português na Copa da Inglaterra, em 19 de julho de 1966. Quase dois anos mais tarde, na edição n. 12.247 do *Jornal dos Sports*, de 01 de julho de 1968, Zé de São Januário (pseudônimo do jornalista Álvaro do Nascimento) publicou a crônica “Tudo em família com a Paz do Senhor”, na qual reafirma o discurso de “fraternidade” entre os dois países, que celebraram em um amistoso de suas seleções a inauguração do Estádio Salazar na cidade de Lourenço Marques (atual Maputo), em Moçambique.

Na mesma página do jornal, Nelson Rodrigues, bem ao seu estilo hiperbólico, revelava na crônica “O melhor futebol do mundo” uma atitude nada “fraternal”: “O Brasil ia jogar, na África, com Portugal. Vejam bem: África. Tempos atrás, um colega veio me declarar, numa convicção fanática: ‘A África não existe!’ E de fato a distância torna Lourenço Marques algo de fantástico, de irreal”.¹

Fato é que a partida foi realizada e, para Zé de São Januário, “o Estádio Salazar, o maior e mais belo de toda a África, exigiu a presença de duas representações nacionais amigas e irmãs”.² Na contramão desse discurso, uma terceira crônica, publicada na mesma página e assinada por Jocelyn Brasil, apresenta a vitória brasileira como “uma forra gostosa”: “Esse futebol exuberante que se dá ao luxo de ir lá na África, cansado e desarrumado, para tirar da garganta aqueles 3x1 de Moraes e de Mr. Cabe”.³ Nossa contribuição visa a apresentar, justamente, a polifonia produzida por essas crônicas esportivas, em que o futebol nem sempre está alheio ao contexto político.

UM AMISTOSO COM GOSTO DE REVANCHE, EM UM CONTEXTO DE EXCEÇÃO

Os anos 1960 colocaram as seleções do Brasil e de Portugal frente a frente em algumas ocasiões. Bicampeã mundial de futebol, após as conquistas na Suécia em

¹ RODRIGUES. O melhor futebol do mundo, p. 4.

² ZÉ DE SÃO JANUÁRIO. Tudo em família com a Paz do Senhor, p. 4.

³ BRASIL. Uma forra gostosa, p. 4.

1958 e no Chile, em 1962, sem dúvida, a seleção brasileira se credenciara para a Copa da Inglaterra, em 1966, como uma das equipes francas favoritas a conquistar o título na terra da Rainha. Todavia, como sabemos, o que ocorreu na prática não foi isso: costuma-se atribuir à desorganização a culpa pelo fracasso da seleção canarinho na 8ª edição do Campeonato Mundial de Futebol, evidenciada já na fase preparatória, quando o então treinador, Vicente Feola, convocara 45 jogadores, além de problemas apontados também na preparação física da equipe. Isso comprometeu o desempenho da seleção nos três jogos que disputou, contra as seleções da Bulgária (2x0), da Hungria (1x3) e de Portugal (1x3), sendo que esta última determinou a eliminação do Brasil no torneio.⁴

Cabe ressaltar que o retrospecto brasileiro no confronto contra os patrícios durante a década de 1960 não era lá dos melhores, de modo que, sobretudo após a derrota da seleção canarinho para Portugal na primeira fase de grupos da Copa da Inglaterra em 1966, com direito a exibição de gala dos moçambicanos Eusébio e Mário Coluna para o selecionado lusitano, criou-se certo clima de revanche ao olhar dos cronistas e torcedores brasileiros. Tal clima pautou justamente o confronto seguinte entre as duas seleções: desta feita, tratava-se de um amistoso disputado em 30 de junho de 1968,⁵ que celebrou a inauguração do Estádio Salazar, em Lourenço Marques, então capital de Moçambique sob o domínio colonial ultramarino português.

A edição n. 12.246 do *Jornal dos Sports*, publicada no dia anterior ao do amistoso, já anunciava na manchete de capa o clima de revanche criado pela imprensa brasileira: “Brasil joga pela forra da Copa-66”. E a manchete publicada na edição do dia seguinte ao da disputa exibia tal clima em destaque: “Brasil vingou-se da derrota de 1966”.

⁴ A escalação da seleção portuguesa naquela partida disputada em 19 de julho de 1966 foi a seguinte: José Pereira, Alexandre Baptista, Jaime Graça, Hilário, Festa e José Carlos, José Augusto, Torres, Eusébio, Coluna e Simões. O Brasil entrou em campo com a seguinte formação: Manga, Orlando Peçanha, Brito, Denilson, Rildo e Fidélis, Jairzinho, Lima, Silva, Pelé e Paraná.

⁵ Para aquela partida, o Brasil apresentou a seguinte formação: Felix, Carlos Alberto, Brito, Joel e Rildo; Gerson, Rivelino e Tostão; Natal, Jairzinho e Edu. Assim como a Seleção Brasileira, que entrou em campo sem Pelé, o selecionado português também não contou com a participação do craque Eusébio entre os onze que iniciaram aquela partida: Américo; Cruz, Armando, Zé Carlos e Hilário; Pavão, Pedras e Coluna; José Augusto, Jaime Graça e Perez.

Desde 1963, o Brasil não derrotava Portugal, tendo sido disputadas três partidas oficiais até 1968, com duas derrotas (1963, 1966) e um empate (1965). E foi justamente naquele amistoso organizado para comemorar a inauguração do Estádio Salazar que a seleção canarinho voltaria a vencer a seleção portuguesa.

Entretanto, para além do campo esportivo e de todo o clima de revanche para uns, e de afirmação para outros, aquela partida estava inserida em um contexto de exceção. Em seu blog, Roberto Vieira publicou a seguinte frase: “Mas o Brasil era um país sério no futebol e no samba. A derrota de 1966 deveria ser devolvida. Caso de segurança nacional”.⁶ De acordo, com Vieira, enquanto o jogo rolava e o Brasil vencia por 2x0, “no interior de Moçambique a FRELIMO atacava.” Na frase em questão, o autor faz menção à Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), grupo armado que deflagrou a luta de independência contra o Estado Novo português e sua política colonial em 1964. O conflito, designado por uns de “Guerra de Independência”, e por outros de “Guerra do Ultramar”, duraria onze anos, com a proclamação da independência do país em 25 de junho de 1975, após a Revolução dos Cravos e o fim do Estado Novo em 25 de abril de 1974.

Com a Revolução e a independência de Moçambique em 1975, Lourenço Marques se tornaria Maputo e Antonio de Oliveira Salazar (1889-1970) se veria substituído como topônimo para aquela praça de esportes, que passaria a ser chamada de Estádio Machava, nome da região onde se localiza “a ‘jóia da coroa’ ferroviária”. Obra edificada pelo engenheiro português Albano Augusto de Sousa Dias, o estádio, que sofreu a degradação do tempo, se tornou palco de momentos importantes da História de Moçambique, como o local da Proclamação da Independência Nacional.

Naquele dia 30 de junho de 1968, uma tarde de domingo, foram colocados 50 mil ingressos à venda para celebrar a inauguração do estádio do Clube Ferroviário, uma das duas principais agremiações da cidade de Lourenço Marques. Ambas as seleções jogaram desfalcadas de seus dois maiores craques: Eusébio e, respectivamente, Pelé. Segundo o Blog do Colégio Dom Bosco de Moçambique, o jogo ganhava em interesse porque no mundial de 1966 “os portugueses

⁶ VIEIRA. O Brasil x Portugal de Lourenço Marques. *No Blog do Roberto*.

derrotaram os seus irmãos do outro lado do Atlântico por 3x1, numa tarde de glória dos moçambicanos Eusébio da Silva Ferreira, Mário Esteves Coluna, Vicente Lucas e Hilário da Conceição”.⁷ O ditador não se fez presente na inauguração, mas “enviou uma mensagem sonora que foi transmitida às mais de 50 mil pessoas pela instalação sonora no estádio e a uma significativa parte da restante população de Moçambique pelas antenas da rádio”.⁸

A COBERTURA DO AMISTOSO BRASIL X PORTUGAL PELO *JORNAL DOS SPORTS*

Conforme mencionado anteriormente, a página 4 da edição n. 12.247 do *Jornal dos Sports* apresenta uma ampla cobertura da partida amistosa que reuniu as seleções de Brasil e de Portugal em 30 de junho de 1968, na cidade moçambicana de Lourenço Marques, quando o país ainda era considerado parte do território ultramar português. Três crônicas esportivas compõem a página: “Tudo em família com a Paz do Senhor”, de Zé de São Januário; “O melhor futebol do mundo”, de Nelson Rodrigues; “Uma forra gostosa”, de Jocelyn Brasil.

Além das crônicas acima indicadas, a página 4 da edição n. 12.247 do *Jornal dos Sports* exibe ainda uma charge, de Marcelo Monteiro, duas fotografias de jogadores brasileiros – o goleiro Félix e o atacante Jairzinho –, e uma tira humorística, de Henfil.

Todavia, a cobertura daquele amistoso, como não poderia deixar de ser, se fez presente também na primeira página da edição n. 12.247 do *Jornal dos Sports*. A manchete de capa, exibida no alto da página, anunciava em destaque: “Brasil vingou-se da Copa: 2x0”, manchete acompanhada do subtítulo “Félix foi a barreira que parou os portugueses”.

Por sua vez, a edição n. 12.247 do *Jornal dos Sports* também contém outras duas matérias, voltadas para os detalhes da partida: “O pêso da hierarquia”, de Achilles Chirol; “Brasil roubou a festa em Moçambique” (matéria final não assinada). Porém, enquanto tais matérias objetivam informar o leitor, as crônicas

⁷ *Antigos Alunos Salesianos de Moçambique* (Blog): Estádio da Machava – Maputo. 25 out. 2009.

⁸ *Antigos Alunos Salesianos de Moçambique* (Blog): Estádio da Machava – Maputo. 25 out. 2009.

esportivas, enquanto “gênero híbrido” entre jornalismo e literatura,⁹ abordam o leitor de uma maneira distinta, como veremos a seguir.



Fig. 1: Marcelo Monteiro, Fig. 2: “Félix, o homem do pênalti” e Fig. 3: “Jair, o homem do gol”.



Fig. 4: tira humorística, de Henfil.

⁹ SILVA. O mundo do futebol e a crônica esportiva, p. 84-104.

ZÉ DE SÃO JANUÁRIO E A CRÔNICA “TUDO EM FAMÍLIA COM A PAZ DO SENHOR”

Zé de São Januário, pseudônimo do jornalista Álvaro Nascimento, já indica pelo topônimo a sua preferência clubística no futebol carioca: o Clube de Regatas Vasco da Gama, clube que, desde os primórdios, se notabilizou como representante da colônia lusitana na cidade do Rio de Janeiro. Conforme o historiador Renato Soares Coutinho aponta, “[a]o escrever colunas intituladas ‘Uma pedrinha na shooteira’, com provocações aos outros clubes no *Jornal dos Sports*, ele não perdoava nem mesmo os símbolos nacionais exaltados pela política cultural do DIP”.¹⁰

Portanto, Zé de São Januário construiu um *ethos* jornalístico, enquanto sujeito da enunciação, como polêmico e contestador, mesmo em tempos sombrios, conforme indica Renato Soares Coutinho ao aludir ao DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, órgão de censura e repressão durante o Estado Novo sob o governo de Getúlio Vargas. O jornalista pretendia ser uma “pedrinha na shooteira”.

O contexto do amistoso de Moçambique em junho de 1968 não se diferenciava muito daquele da Era Vargas: desde o golpe civil-militar de março de 1964, o Brasil conhecia novamente o jugo ditatorial e a crescente repressão. Aliás, poucos meses após aquela partida, mais precisamente em 13 de dezembro de 1968, foi baixado o AI 5 – Decreto Institucional n. 5, o qual, entre outras medidas, instituiu a censura prévia de jornais, revistas, livros, peças de teatro e músicas.

Todavia, na crônica de Zé de São Januário, nada é aludido sobre tal contexto. O tom que marca o texto parece muito bem sintetizado em seu título – “Tudo em família com a Paz do Senhor”. Não é por acaso que o elegemos como título de nosso breve estudo. Aparentemente, ele parece aludir a um conagraçamento sob a benção divina.

Inegavelmente, Zé de São Januário, ao contrário de cronistas como Nelson Rodrigues e Jocelyn Brasil, procura versar sobre os méritos da seleção de Portugal e também sobre o caráter de confraternização entre os brasileiros e portugueses:

[...] A grande verdade é que, mesmo com todo êsse pessimismo, o encontro foi excelente e equilibrado, embora a vitória surgisse com méritos para os brasileiros, pela contagem de 2x0, tentos indiscutíveis.

¹⁰ COUTINHO. “São coisas do destino, sou rubro-negro e meu patrão é vascaíno”: Flamengo, Vasco e a construção das identidades dos clubes de futebol profissional no Rio de Janeiro, p. 3.

Faltou, como era de esperar, um ataque mais eficiente aos portugueses, enquanto que a defesa se postou com galhardia.¹¹

A avaliação do jogo pelo cronista tende ao elogio ao adversário da seleção brasileira. Além disso, o tom conciliatório e fraternal perpassa a crônica, sem destaque para a derrota da seleção portuguesa, enfatizando o caráter de amistoso:

Como os encontros entre Portugal e Brasil visam mais à fraternidade, o jogo em Lourenço Marques é uma prova do que acabamos de afirmar, uma vez que o Estádio Salazar, o maior e o mais belo de toda a África, exigiu a presença de duas representações nacionais amigas e irmãs. O tratamento e a contagem da partida são assuntos discutidos em família, com carinho e sem ressentimentos. Fica tudo em casa.¹²

Fraternidade, amizade, irmandade, familiaridade – valores veiculados pelo jornalista em sua crônica. Fica, entretanto, algo no ar: seria, talvez, uma ironia de Zé de São Januário, frente aos contextos políticos de Brasil e de Portugal, com suas ditaduras?

JOCELYN BRASIL E A CRÔNICA “UMA FORRA GOSTOSA”

Jocelyn Barreto Brasil Lima (1908-1999), cujo pseudônimo literário era Pedro Zamora, foi militar de carreira, coronel-aviador da Força Aérea Brasileira, que passou para a reserva com a patente de Brigadeiro em 1952, também desenvolveu atividades como jornalista e escritor. Simpatizante do comunismo, Jocelyn Brasil publicou obras como *O petróleo é nosso, O Pão, o Feijão e as Forças Ocultas e Arraes: o fazedor de homens livres*, mas também publicou uma série de livros sobre futebol pela editora Gol, de Milton Pedrosa: *Tim, o estrategista, O livro de Tostão, A hora e a vez de João Saldanha*, entre outras.¹³

Logo de início, o tom revelado pela crônica de Jocelyn Brasil é de ufanismo, associado à crítica em relação à seleção de Portugal e à derrota brasileira na Copa de 1966:

¹¹ ZÉ DE SÃO JANUÁRIO. Tudo em família com a Paz do Senhor, p. 4.

¹² ZÉ DE SÃO JANUÁRIO. Tudo em família com a Paz do Senhor, p. 4 (grifos nossos).

¹³ SOTER. A história da seleção brasileira em boas mãos. *Literatura na Arquibancada* (Blog).

Lá não estava o Eusébio. Mas cá não estava o Pelé.
O importante, porém, é que a partida não foi apitada por Mr. MacCabe. Nem foi o Stanley Rous quem designou o árbitro. Isso é o que interessa. Aquêles 3x1 de Liverpool estavam atravessados na minha garganta. Eu sabia que o futebol português é incipiente. Sabia que Otto Glória lhe emprestara a técnica nacional. E escutara falar que haviam furtado o Brasil. Mas não aceitava aquêles 3x1. O futebol brasileiro fôra desrespeitado.¹⁴

Nomes como o do árbitro inglês George McCabe, que apitou a partida Brasil x Portugal no Goodison Park, em Liverpool, em 19 de julho de 1966, e de Stanley Rous, igualmente árbitro inglês e presidente da FIFA entre 1961 e 1974, apontam para um questionamento, por parte do cronista, da lisura da arbitragem naquela derrota brasileira pelo placar de 3x1, como se esta tivesse influenciado o resultado. Além disso, longe de reconhecer o mérito da seleção de Portugal, o sujeito da enunciação passional e ufanista desabafa, taxando o futebol português de “incipiente”, e até apontando o técnico brasileiro Otto Glória como uma espécie de ‘traidor da pátria’ ao emprestar ao selecionado português “a técnica nacional”.¹⁵

Sendo assim, a vitória do Brasil sobre Portugal foi encarada pelo cronista como uma revanche, “uma forra gostosa”, como anuncia o título. E este, enquanto sujeito de enunciação não mede esforços em extravasar seu ufanismo: “Agora eu abro o peito e grito: – o Brasil é o maior. Sem Moraes para desrespeitar o Rei, e sem MacCabe para sancionar o crime, não dá. Não dá, mesmo. O futebol brasileiro ainda está muitos furos acima daquele praticado em Portugal”.¹⁶

Portanto, a crônica de Jocelyn Brasil não traz uma visão da partida enquanto amistoso, de confraternização entre brasileiros e portugueses, pois é pautada por um discurso da “superioridade” brasileira no futebol: “[...] Futebol é o nosso. Êsse futebol exuberante que se dá ao luxo de ir lá na África, cansado e desarrumado, para tirar de nossa garganta aquêles 3x1 de Moraes e de Mr. Cabe. Obrigado, Félix, obrigado, Rivelino, obrigado Jairzinho. Duas esféricas contra nenhuma”.¹⁷ O sentimento de revanche em relação à derrota de 1966 fala mais alto. Não há espaço sequer para os contextos ditatoriais brasileiro e português: Moçambique é a “África”, lugar longínquo no horizonte do cronista.

¹⁴ BRASIL. Uma forra gostosa, p. 4.

¹⁵ BRASIL. Uma forra gostosa, p. 4.

¹⁶ BRASIL. Uma forra gostosa, p. 4.

¹⁷ BRASIL. Uma forra gostosa, p. 4.

NELSON RODRIGUES E A CRÔNICA “O MAIOR FUTEBOL DO MUNDO”

A crônica “O maior futebol do mundo”, de Nelson Rodrigues, é composta por nove segmentos. Logo no primeiro deles, o cronista evidencia o seu estilo hiperbólico ao lidar com o tema do futebol, bem ao gosto de um torcedor passional:

1

— Amigos, as hienas antibrasileiras, que as há e *numerosíssimas*, sofreram, ontem, *uma provação só comparável às de Jó*. O Brasil ia jogar, na África, com Portugal. Vejam bem: África. Tempos atrás, um colega veio me declarar, *numa convicção fanática*: “A África não existe!” E, de fato a distância torna Lourenço Marques algo de fantástico, de irreal.¹⁸

O estilo hiperbólico é pautado por um tom superlativo, exagerado, irreal, conforme evidenciam as expressões destacadas na citação acima. Também o discurso do esforço desmedido para jogar um amistoso longe das *Terras Brasilis* – numa África considerada pelo cronista como muito distante, em Lourenço Marques – compõe tal quadro de exagero: “2 / – Fomos a Lourenço Marques e ganhamos. Devíamos perder, porque o escrete canarinho *está para lá de estourado*. Não somos de ferro e *essa maratona é de arrebrantar* uma vaca premiada. Pois bem. Embora *exausta*, a seleção venceu”.¹⁹ Essa é a marca principal da crônica “O melhor futebol do mundo”, pois o Brasil havia realizado alguns amistosos na Europa contra seleções como a Alemanha, a Bulgária e a Iugoslávia, e voara direto para Moçambique, de modo que Nelson Rodrigues considera tal viagem ao país africano como uma autêntica odisséia:

5

— *Só imagino as péssimas condições físicas dos nossos patrícios. Pulam de um país para outro país, e, até, de um continente para outro continente*. Um europeu suporta bem a viagem do avião. *O brasileiro, não. O brasileiro se exaure, emocionalmente, com um vãozinho de meia hora. Para jogar na África, tivemos de sofrer 16 horas de avião e, portanto, uma eternidade*. E, apesar disso, ganhamos.²⁰

¹⁸ RODRIGUES. O maior futebol do mundo, p. 4 (grifos nossos).

¹⁹ RODRIGUES. O maior futebol do mundo, p. 4 (grifos nossos).

²⁰ RODRIGUES. O maior futebol do mundo, p. 4 (grifos nossos).

O discurso do esforço desmesurado para enfrentar adversários na Europa e ir à ‘longínqua’ África disputar um amistoso com a seleção portuguesa, evidente nas passagens anteriores, é acompanhado pelo discurso da superação da seleção brasileira, principalmente do arqueiro Félix, que defendera um pênalti:

8

— Mas vejam que *extraordinária capacidade de recuperação tem o nosso goleiro*. Aquele frango da partida contra os tchecos era de enterrar um sujeito. Lembro-me de que, após o jogo, alguém me dizia: “Félix está liquidado”. Era falso. Já contra a Iugoslávia, teve uma atuação esplêndida. E, ontem, *a África tremeu quando ele segurou o pênalti. Foi, como se vê, uma reabilitação fulminante*.²¹

No último segmento da crônica “O maior futebol do mundo”, o discurso eufórico edificante recebe contornos de ufanismo: “9 / – Com a vitória tranquila de ontem, as hienas terão de recolher os seus uivos. *E só a má fé cínica ou a obtusidade córnea pode negar esta verdade: o Brasil é o melhor futebol do mundo*”.²²

Por fim, cabe ressaltar que a crônica de Nelson Rodrigues faz cinco referências à “África” e outras duas à cidade de “Lourenço Marques”, mas nada além disso o cronista oferece aos “amigos” – leitores brasileiros, nada sobre a então “colônia” portuguesa de Moçambique, e nada sobre o contexto político da guerra colonial investida pelo governo português em África. Tampouco lhe é de estilo falar sobre o próprio contexto político brasileiro em suas crônicas esportivas.

Em termos de ditaduras, no placar de Nelson Rodrigues, diríamos, seria Costa e Silva 0 x 0 Salazar, um jogo sem sabor, indigno de ser comentado. Pouco lhe importava trazer os temas prementes do momento para as suas crônicas. A África, muito mais próxima de nosso país geográfica e, sobretudo, culturalmente, em suas palavras, eternamente distante, “fantástica”, “inexistente”, “irreal”, para não dizer “surreal”.

É interessante notar que a frase que encerra a crônica é a que lhe dá título: “O melhor futebol do mundo”. Para aquele que só tem olhos para “o melhor futebol do mundo”, “A África não existe”.

²¹ RODRIGUES. O maior futebol do mundo, p. 4 (grifos nossos).

²² RODRIGUES. O maior futebol do mundo, p. 4 (grifos nossos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este breve estudo nos permite traçar algumas considerações finais a partir de um viés comparativo. Na crônica de Zé de São Januário, predomina o tom conciliatório entre nações “irmanadas” – Brasil e Portugal. Não há nenhuma menção à Guerra do Ultramar/Guerra de Independência. Em termos discursivos, o autor opta por elogiar o adversário, a partir de um tom conciliatório e fraternal, sem destaque para a derrota da seleção Portuguesa. Ao contrário, o caráter de amistoso é ressaltado na crônica. Fica em aberto a pergunta: seria uma ironia do cronista? A afinidade entre as nações “irmanadas” abrangeria também, ironicamente, os seus contextos ditatoriais?

Por sua vez, na crônica de Jocelyn Brasil predomina o tom ufanista. Base para toda a sua argumentação seria uma suposta manipulação dos britânicos na escolha dos árbitros para a Copa de 1966. O autor opta por se valer de um discurso de “superioridade” no futebol brasileiro. Com isso, a vitória da seleção portuguesa sobre o escrete nacional na Copa de 1966 é diminuída. Na contramão do “discurso fraternal”, característico de uma partida amistosa reunindo duas seleções, Jocelyn Brasil opta por enfatizar a vitória enquanto “vingança” de um futebol “superior”.

Enquanto as crônicas de Nelson Rodrigues e de Jocelyn Brasil são pautadas por um tom ufanista e de crítica em relação à derrota brasileira para a seleção portuguesa em 1966, encarando, portanto, a partida “amistosa” de Lourenço Marques como “vingança” e “revanche”, a crônica de Zé de São Januário constrói sua argumentação nos laços que uniriam Brasil e Portugal. Deve-se lembrar que, como ilustre torcedor do Vasco, Álvaro do Nascimento projeta na crônica uma leitura dessa relação. Se, por um lado, não há uma “cacofonia polienunciativa”,²³ por outro, há uma completa ausência crítica em relação aos contextos políticos das nações “irmanadas”.

* * *

²³ BRAIT. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso, p. 26.

REFERÊNCIAS

- Antigos Alunos Salesianos de Moçambique (blog): Estádio da Machava – Maputo. 25 de outubro e 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2JJ9mM0>. Acesso em: 10 abr. 2017.
- BRAIT, Beth. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 2003, p. 11-27.
- BRASIL, Jocelyn. Uma forra gostosa. **Jornal dos Sports**, n. 12.247, Rio de Janeiro, p. 4.
- COUTINHO, Renato Soares. “São coisas do destino, sou rubro-negro e meu patrão é vascaíno”: Flamengo, Vasco e a construção das identidades dos clubes de futebol profissional no Rio de Janeiro. **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História**. Natal-RN, 2013, p. 1-17. Disponível em: <https://bit.ly/2JI6RJJ>. Acesso em: 10 abr. 2017.
- DOMINGOS, Nuno. O futebol português em Moçambique como memória social. **Cadernos de Estudos Africanos**. 9/10: Memórias Coloniais, 2006, p. 1-14.
- RODRIGUES, Nelson. O melhor futebol do mundo. **Jornal dos Sports**, n. 12.247, Rio de Janeiro, p. 4.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. O mundo do futebol e a crônica esportiva. **FuLiA / UFMG**, v. 2, n. 3, p. 86-106, set.-dez. 2017.
- SOTER, Ivan. A história da seleção brasileira em boas mãos. **Literatura na Arquibancada** (Blog). Disponível em: <https://bit.ly/2KvZxlv>. Acesso em: 10 abr. 2017.
- VIEIRA, Roberto. O Brasil x Portugal de Lourenço Marques. **No Blog do Roberto**. Disponível em: <https://bit.ly/2rh1SJ2>. Acesso em: 10 abr. 2017.
- ZÉ DE SÃO JANUÁRIO (Álvaro do Nascimento Rodrigues). Tudo em família na Paz do Senhor. **Jornal dos Sports**, n. 12.247, Rio de Janeiro, p. 4.

* * *

Recebido para publicação em: 15 dez. 2017.
Aprovado em: 22 jan. 2018.